

A Floresta e o Jardim: esboço de um estudo sobre as representações do elemento vegetal nas religiões afro-brasileiras e judaico-cristãs.¹

Giovanni Boaes²

Resumo

Passando em revista as concepções de mundo que alimentam os saberes e as práticas religiosas das denominações em questão, vamos checar as formas, aqui estabelecidas como antípodas, de representar os elementos vegetais nos dois universos: o afro-brasileiro e o judaico-cristão. Destaca-se que no universo afro-brasileiro, não há lugar semântico para a noção de “jardim”, pois predomina a “floresta” como fenômeno total, é a natureza manifestando-se ao máximo. No universo judaico-cristão, a “floresta” é desconstruída pela cultura, os elementos vegetais vão ser traduzidos pela lente de um processo civilizatório, e no final o que surge é o “jardim”.

Palavras-chave: cosmovisão religiosa afro-brasileira; cosmovisão religiosa judaico-cristã; Natureza.

Introdução

Existem certos núcleos de sentido que podem ser utilizados para representar uma determinada configuração cultural, visão de mundo, imaginário ou cosmovisão. É bem verdade que muitos cientistas sociais veriam esta afirmação como anacrônica. Mas deve-se considerar que toda forma de representação é sempre arbitrária, o que não a impede de se pronunciar, de uma forma ou de outra, a respeito da realidade que representa. Representação, na minha visão, não é nada mais que matéria para se pensar sobre o representado, e creio que nela nada há de essencial. Os núcleos de sentido a que me referi são palavras ou expressões, que chamo expressões sintéticas ou semânticas-chave³. Através delas podemos começar e aprofundar o pensamento sobre determinados fatos ou conjuntos de fatos e relações que estabelecem entre si na realidade. Ainda que se corra o risco de não elaborar um movimento de pensamento integralmente reto, tem-se sempre, ao evocá-las um pretexto para comunicar e discutir um objeto a ser conhecido.

Neste texto, quero falar de duas semânticas-chave, ambas articuladas num movimento de pensamento dentro dos limites do simbólico. Apresento-as como possuindo algo de antípoda. Estou me referindo a “Floresta” e ao “Jardim”. Proponho que a primeira é uma semântica-chave das chamadas religiões afro-brasileiras; a segunda, por sua vez, é uma semântica-chave da tradição judaico-cristã.⁴ Posso dizer muitas coisas importantes sobre as duas religiões derivando meu pensamento a partir destes significados. Primeiramente, apresento a tese de que no plano do simbólico das religiões afro-brasileiras

não há lugar apropriado para os significantes e significados do “Jardim”, por outro lado, a “Floresta” assume um papel rico de significados, o que lhe atribui um lugar instaurador. Invertendo-se o trajeto veremos que quando se trata da tradição judaico-cristã, o “Jardim” torna-se pleno de sentido e a “Floresta” recebe significado negativo, assumindo um estatuto de não-ser. Reforçando a idéia: nas religiões afro-brasileiras, o “Jardim” não tem lugar definido, não consegue fazer ancoragem é, digamos assim, com certo receio de estar utilizando inadequadamente a expressão⁵, um significado flutuante. Já na tradição judaico-cristã a “Floresta” tem um lugar bem definido, ou seja, faz parte da natureza.⁶

A reflexão suscitada pelo uso das duas expressões me leva ao encontro de uma questão fundamental, qual seja: a representação de natureza feita pelas duas religiões. White Jr. referindo-se ao cristianismo, no seu clássico ensaio sobre as Raízes Históricas da Nossa Crise Ecológica (2003, p.144 e 148.), pergunta: “o que o cristianismo diz às pessoas sobre sua relação com a natureza?” E responde que

o cristianismo em contraste absoluto com o antigo paganismo e religiões da Ásia (exceto, talvez o zoroastrismo), não só estabeleceu um dualismo entre homem e natureza, como também insiste que é vontade de Deus que o homem explore a natureza para seus próprios fins.

Trata-se, então, de um dualismo surgido na própria cosmogonia judaico-cristã. O homem e a natureza são duas coisas ontologicamente (e religiosamente) distintas.

É através desse dualismo que o pensamento ocidental definirá as formas corretas de o homem se relacionar com a natureza. Cumprir averiguar dentro da cosmogonia judaico-cristã, o exato momento e a maneira de surgimento da natureza. Cumprir saber quando ela aparece, através de que móveis e quem a criou. Isto pode nos esclarecer muito sobre o lugar dos elementos naturais na tradição judaico-cristã.

O Jardim ou “na Natureza não há salvação”

Uma análise da narrativa bíblica da criação me faz acreditar que Deus não criou a natureza nos cinco dias que antecederam a criação do homem, de fato ele criou todas as criaturas: animais, minerais e vegetais. Mas foram criados de tal forma que em nada se assemelhavam às criaturas de hoje, inclusive o próprio homem não foge a isso. Assim, é instigador e pertinente perguntar quem de fato criou a natureza, Deus ou homem? Quando se diz que Deus criou a natureza em cinco dias, como uma propedêutica para a criação do homem, na verdade essa natureza refere-se ao “Jardim”. A outra natureza, aquela que nos é familiar, surgiu a partir da queda do homem. O “Jardim” não se confunde com a natureza, ou pelo menos estão em questão dois tipos de natureza: o primeiro que antecede a queda e o segundo que é instituído pela queda e se desenrola após ela. A natureza entra no mundo por causa da queda, juntamente com o pecado, a morte, o parto, o corpo, o trabalho, o que em síntese pode também indicar que é nesse momento, desvalido de Deus, que vai aparecer a cultura (ato criador humano). Grosso modo, estou sugerindo que a natureza não foi criada diretamente por Deus, mas por intermédio do homem, ou melhor pela desobediência do homem incitado pela mulher. O “Jardim” criado por Deus, que se quisermos podemos chamá-lo de “natureza divina” para diferenciá-la da outra natureza, é repleto de beleza, harmonia, muita luz e onde todas as criaturas são pacíficas e se comunicam entre si. Como reflexo invertido, a natureza herdada pelo homem depois da queda é um lugar inseguro,

ameaçador, que deve ser domado, repleto de criaturas indóceis, selvagens, com florestas ameaçadoras e sombrias, onde o mal pode se abrigar. Ou como disse Thomas (1988, p. 22), ao se referir ao pensamento dos teólogos modernos britânicos:

O Jardim do Éden, afirmavam, era um paraíso preparado para o homem, no qual Deus conferiu a Adão o domínio sobre todas as coisas vivas. No princípio, homem e bestas conviveram pacificamente. Os homens provavelmente não eram carnívoros e os animais eram mansos. Mas com o Pecado e a Queda a relação se modificou. Ao rebelar-se contra Deus, o homem perdeu o direito de exercer um domínio fácil e incontestado sobre as outras espécies.

A Queda do homem representa a degeneração da terra:

...espinhos e cardos nasceram onde antes existiam apenas frutos e flores. O solo fez-se pedregoso e árido, tornando-se necessário um trabalho árduo para seu cultivo. Apareceram pulgas, mosquitos e outras pestes odiosas. Vários animais livraram-se da canga, passando a ser ferozes, guerreando uns com os outros e atacando o homem. Até mesmo os animais domésticos deviam agora ser forçados à submissão.

Isto que nos informa Thomas, assim está escrito no Gênesis:

E Deus disse: quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: a mulher que me destes por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isso? E disse a mulher: a serpente me enganou, e eu comi. Então o Senhor Deus disse à serpente: porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a besta, e mais que todos os animais do campo: sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente: esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: porquanto deste ouvidos á voz de tua mulher e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: não comerás dela: maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão até que te tornes à terra; porque dela foste tomado: porquanto és pó, e em pó te tornarás (Gênesis, 3, 11-19).

A natureza é filha da degeneração, é nela que o homem deverá derramar seu suor, através de seu trabalho para poder sobreviver. Vê-se diante de um contendor e não de um parceiro, ela é um outro a ser domado, domesticado, civilizado sem culpa e nem remorso.

Desta forma, podemos dizer que na cosmogonia judaico-cristã, há um tempo, no qual não havia a natureza, nem a cultura, nem a morte, é o tempo mítico que antecede a queda; e há o tempo pós-queda, no qual passam a existir simultaneamente a natureza, a cultura-conhecimento, o pecado, o trabalho, o sexo, o corpo, e por fim, a própria morte. É este último o verdadeiro tempo humano, o tempo social por excelência, no qual se desenrolam as relações entre o homem e a natureza.

A natureza é vista como resultado da desobediência; é castigo, ou seja, por causa do pecado original, todo homem descendente da mulher, deverá meter-se numa briga eterna com a serpente. Esta morderá o calcanhar do homem (tal como o abutre que come

eternamente o fígado de Prometeu), enquanto ele lhe esmaga a cabeça, ou seja, domina-a. A serpente representa toda sorte de sofrimentos que a sobrevivência desvalida de Deus pode proporcionar: suor, dor, pecado, corpo, conhecimento, morte. A serpente, símbolo do devenir, representa também o retorno através da morte para o Jardim. Creio que a serpente, na cosmogonia judaico-cristã, é o símbolo da natureza.

A sina do homem é combater a serpente, é lutar contra a natureza, e a civilização humana representa exatamente a conquista sobre ela. A própria salvação, vista como um retorno ao paraíso (O “Jardim”) faz supor o abandono da natureza. Para os teólogos da modernidade o verdadeiro propósito do cristão é “passar do estado de natureza ao de graça”, o que representa que a salvação será resultado de uma luta sem precedentes entre o homem animal e o homem espiritual (THOMAS, 1988, p.43).

Aqui se evidencia um profundo antropocentrismo na tradição judaico-cristã, algo que foi apontado por Lynn White Jr. como a raiz da crise ecológica que vivemos hoje. Toda a criação de Deus teve como propósito último o homem; a natureza foi criada⁷ para satisfação humana. Ela foi feita como objeto inerte, sem alma, sem sofrimento, o que eximiria de culpa e de crime as ações humanas sobre ela. A teologia cristã, segundo Thomas, forneceu os alicerces morais para o domínio do homem sobre a natureza. Se na teologia estão os alicerces, na ciência moderna estão os meios de domesticá-la, tal como disse Bacon citado por Thomas (1988, p 32): “o fim da ciência era devolver ao homem o domínio sobre a criação que ele em parte perdeu com o pecado original.” Teologia e ciência se opõem veementemente à veneração da natureza, pensamento que será levado à conclusão lógica pelo *cogito ergo sum* cartesiano.

A natureza é o jeito divino que Deus encontrou para punir o homem. Ele fez dela seu instrumento privilegiado de punição: fogo e chuva, terremotos, avalanches, secas, pragas, destruição do mundo pelo dilúvio, etc.

White Jr (2003, p.143 ss) diz que “a vitória do cristianismo sobre o paganismo foi a maior revolução psíquica na história da nossa cultura”. A forma de ver a natureza foi profundamente influenciada por essa revolução. Portanto, “Deus determinou que nada da criação física teria outro propósito senão servir aos propósitos humanos”. E, “ainda que seu corpo seja feito do barro, ele não é uma simples parte da natureza: ele é feito à imagem de Deus”.

É assim, por exemplo, que

para um cristão uma árvore não é mais que um fato físico. O conceito de bosque sagrado é inteiramente alienígena a cristandade e ao ethos do Ocidente. Por quase dois milênios missionários derrubaram bosques sagrados que eram idolatrados porque embutiam o espírito da natureza (WHITE Jr., 2003, p. 148).

O ideal judaico-cristão é o retorno ao paraíso, tempo mítico do mundo sem natureza. A representação de natureza e as implicações que dela derivam para as relações que se estabelecem entre homem e natureza na tradição judaico-cristã, podem ser assim resumidas: a salvação espiritual do homem está fora da natureza, habita um lugar além do corpo e além de seus desejos, de suas necessidades e das agruras que a matéria (do corpo e de toda matéria que o rodeia) causa ao homem, a natureza é sinônimo de sofrimento e de danação, nela não há salvação.

A Floresta ou “a Natureza dos deuses”

Acima, retratou-se uma natureza sem mana (com energia mais sem mana); um objeto destituído de sacralidade. A identidade da natureza está completamente dependente do homem. Natureza-objeto. Tal concepção não comporta nenhuma forma de veneração à natureza. Quando, entretanto, passam-se em revista outras configurações religiosas, as chamadas animistas, veremos que a natureza é plena de sentido. É sagrada, fonte de vida, adorada e venerada. A diferença e a hierarquia dos cristãos aqui se invertem, o homem não só é parte da natureza como é submisso a ela.

Cada elemento da natureza representa uma força, que nas religiões afro-brasileiras é chamada de axé. As árvores, por exemplo, têm uma identidade própria e superior aos homens: podem ser vistas como deuses e devem ser alimentadas com sangue e sacrifício, conforme é destacado por Frazer.

Na Europa, anterior ao predomínio da tradição judaico-cristã, “o culto das árvores teve um papel importante. Nada podia ser mais natural, pois, no alvorecer da história, a Europa estava coberta de imensas florestas primevas” (FRAZER, 1982, p. 58). Atribui a origem desse culto a uma crença dos selvagens, através da qual viam o mundo dotado de alma, e árvores e plantas não constituem exceção à regra: “o selvagem acha que possuem uma alma como a sua, e trata-as como se assim fosse”. A essa mentalidade selvagem, como se refere o autor de *O ramo de Ouro*, outros antropólogos chamaram animismo. Contudo, as árvores não são vistas simplesmente como natureza-objeto, elas possuem um *locus geni*, servindo de morada ou corpo de espíritos ancestrais, ou ainda podem ser elas mesmas uma espécie de deus. Referindo-se à África, Frazer (1952, p. 117) informa que *"le culte des arbres est très répandu parmi les tribus du Soudan français ou Soudan occidental"*. Região de onde provieram grandes contingentes de escravos para o Brasil.

As trocas que se estabelecem com a natureza, na tradição judaico-cristã e nas afro-brasileiras assumem características bem distintas. Nestas, podemos perceber a existência de “conaturalidade”, expressão utilizada por Bastide (2006) para designar o “estado místico”: “o sujeito que contempla se identifica plena e inteiramente com a coisa contemplada” (BASTIDE, 2006, p.14). Posso me referir a essas situações, destacando a existência de um pensamento holístico, ou como diz Le Breton (1995), utilizando-se de uma expressão de Cassier, trata-se de uma “comunidade do todo vivente”. Assim, não é fácil perceber no imaginário em questão, uma nítida divisão entre a pessoa, a comunidade, o cosmo e a natureza.

A floresta é o lugar onde moram os deuses; toda floresta é sagrada, às vezes se confunde com o próprio deus. Para africanos e afro-brasileiros, há deuses que são árvores, as folhas são sagradas e portadoras de axé. Cada folha, além de uma utilidade prática, tem uma personalidade mítica. Não se vê aqui a natureza como inferior, pelo contrário, por ser sagrada ela é superior, interdita. Precisam dela, precisam cortá-la para se curarem, e para fazerem atabaques, mas não a cortam de qualquer jeito; colhem folhas para os diversos “trabalhos” etc. Tudo isso implica o sacrifício de um deus vivo, é uma imolação que numa relação de dom-contra dom pede a contrapartida. Por isso é preciso que alimentem as

árvores com sangue e comida, façam festas em torno delas, ornamentem-nas com belos *ojás* brancos e aos seus pés levantem-se hierofanias.

Os filhos de santo conhecem a expressão – verdadeiro truísmo – “sem folhas não se cultua os orixás” (*kò si ewé kò si òrìsá*). As ervas assumem um papel fundamental. O elemento vegetal é mais importante e divinizado do que qualquer outro na natureza. Há deuses que se confundem com árvores e folhas, mas isso não ocorre com os animais. Estes, por excelência, cumprem a função de serem sacrificados aos deuses. Este traço tem a ver com o caráter agrícola das culturas africanas que matizaram as religiões afro-brasileiras, conforme salientado por Prandi:

Os iorubas, como povo da floresta, pouco se interessaram pelos astros, que ocuparam posição importante nos sistemas religiosos de povos que viviam em lugares abertos e altos. Para os iorubas, as florestas e os rios eram mais importantes que a lua ou as estrelas. [...] A morada dos deuses e dos espíritos dos iorubás, emblematicamente, não fica no céu, mas sob a superfície da terra (PRANDI, 2005, p. 6).

A relação entre os homens e os deuses, diz Prandi, passa pelos elementos da natureza – ela em si confunde-se com os deuses. É uma relação de inferioridade, submissão, filiação celebrada através de contratos. Os orixás, ainda que hoje assumam uma forma antropomorfizada, têm suas origens na natureza.

Voltando a Floresta. Barros, depois de Bastide e Joana Elbein dos Santos, destaca a importância que a floresta assume para os terreiros de candomblé da Bahia, a tal ponto de chegar a, para reproduzir a ligação que o africano nativo tinha com a floresta na África, criar-se no espaço do terreiro, um “espaço-mato”, “no qual estão contidos os elementos vegetais indispensáveis ao culto” (BARROS, 1993, p. 19). Contudo, a criação deste espaço, é resultado de uma adaptação diante das condições concretas de funcionamento dos terreiros, o que acaba tornando-o um “espaço-cultivado”, empalidecendo um pouco a relação entre homens, divindades e natureza.

No panteão afro-brasileiro, Ossaim é o deus que representa a vegetação, ao lado de todos os caçadores (Odés) e alguns deuses árvores, como Iroko (gameleira branca), Ápáóká (jaqueira) e Òkiká (cajazeira). Quanto a estes últimos há controvérsias se eles são realmente deuses ou se apenas abrigam deuses representados pelos nomes das árvores.

Elbein dos Santos (1977, p. 49 apud BARROS, 1993, p. 25) diz que “as árvores são objeto de culto dos mais antigos e são consideradas símbolos de espíritos e de *òrìsá*. Árvores de força e tamanho excepcionais são sagradas e suas partes (galhos, folhas, raízes e troncos) são utilizadas para propósitos ritualísticos e de rotina pela comunidade”. Estas árvores são distintas nos terreiros e recebem tratamento muito especial.

Creio que já tenha delineado bem, para um esboço, o papel da “Floresta” nas religiões afro-brasileiras; ao contrário de ser vista como algo abjeto, a ser explorado, evitado, destruído e civilizado, como acontece na tradição judaico-cristã, o homem aprende com ela, a imita, a venera e quando ele morrer,⁸ quem sabe, habitará um mundo povoado de árvores, isso se seu espírito não se tornar uma delas. Mas antes de finalizar, gostaria de me referir a uma realidade próxima, e que é rica em fatos que demonstram a importância do elemento vegetal para os adeptos das religiões afro-brasileiras. Cito o Culto da Jurema, ou simplesmente Jurema, denominação característica do Nordeste brasileiro. Jurema é uma árvore do sertão que era cultuada pelos nativos da região. Dela extraíam uma bebida enteógena que os colocava em contato com o mundo dos espíritos. Com o desaparecimento

gradual da cultura indígena e com a incorporação dos seus elementos a outras religiões, especialmente a umbanda, deu-se continuidade ao culto da Jurema com re-significações, a partir da incorporação de novos elementos. Jurema deixou de ser uma árvore simplesmente para se tornar um complexo de símbolos, de entidades, crenças e preceitos que ainda conserva o nome e imagem da árvore jurema (*Mimosa hostilis* e a *Mimosa ophthalmocentra*). Hoje, não se venera necessariamente a árvore, mas todos os espíritos e forças que ela pode aglutinar; já não oferecem diretamente a ela o sangue dos animais; contudo, em função dela, oferecem a todas as entidades que habitam as diversas cidades da Jurema. Embora transformado, mais ainda assim, continua sendo um culto às árvores, isto é, à “Floresta”, e são exatamente os seus atributos naturais que lhe dão força e identidade, como retrata abaixo o ponto cantado de Jurema:

A Jurema é preta / Pode amargar / Ela tem espinhos / Pode furar(curar).

À guisa de conclusão,⁹ usando a linguagem da Jurema, diria que a “Floresta” nas religiões afro-brasileiras é lugar de “ciência”(conhecimento, sabedoria, poder), e não de danação.

Referências

BARROS, José Flávio pessoa de. **O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no candomblé jêje-nagô do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FRAZER, James. Le culte des arbres. In GORCE, Maxime. **Histoire générale des religions : folklore et religion, magie et religion**. Paris: Librairie Aristide Quillet, 1952. [Tome V]. pp. 117-28.

_____, **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro : Editora Guanabara, 1982.

LE BRETON, David. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Bueno Aires: Nueva Visión, 1995.

PRANDI, Reginaldo. Os orixás e a natureza. In <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi>> capturado dia 26 de outubro de 2005.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WHITE JR., Lynn. As raízes históricas de nossa crise ecológica. In: ANDRADE, Maristela Oliveira de. (Org.) **Milenarismos e utopias**. João Pessoa: Manufatura/Religare, 2003. pp 135-51.

ABSTRACT

Forest and Garden: outline of a study of representations of plant material in African-Brazilian and Judeo-Christian religions

Reviewing conceptions of the world which nurture the religious knowledges and practices of the denominations in question, we aim to show the forms here established to represent

the plant matter in two worlds, the African-Brazilian and Judeo-Christian, as opposites. It is noteworthy that in the African-Brazilian universe there is no semantic space for the concept "garden"; the concept "forest", predominating as a total phenomenon, is nature manifest at its maximum. In the Judeo-Christian world the concept "forest" is deconstructed by culture; plant matter is mediated through the lens of a civilizing process at the end of which emerges the "garden".

Keywords: *African-Brazilian religious worldview, Judeo-Christian religious worldview, Nature.*

NOTAS

¹ Texto publicado nos Anais do XIV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário realizado em 2006, na cidade do Recife.

² Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Email: <gboaes@ig.com.br>.

³ No sentido de abrir as "portas" da reflexão e da realidade.

⁴ Contudo, tanto uma como a outra, acabam se tornando "chave" das duas denominações religiosas por causa da relacionalidade e da comparação que se esboça entre elas.

⁵ Aqui fazemos um jogo com o conceito de significante flutuante de Lévi-Strauss.

⁶ Os filmes "A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça" e "A Vila", entre tantos outros, retratam bem a representação da Floresta, no imaginário judaico-cristão. No primeiro, ela é um lugar tenebroso, sombrio moradia das bruxas e do mal, é onde há uma árvore – a árvore da morte – regada com sangue das vítimas do cavaleiro, a porta para o inferno. No segundo, a floresta representa a maior ameaça para as pessoas, lugar interdito, pois é habitado por criaturas desumanas, assassinas e selvagens.

⁷ A primeira natureza (o "Jardim") foi criada pela e para a sua "santidade", já a segunda, pela e para sua desobediência, ou seja, tanto uma quanto a outra foram criadas em função do homem.

⁸ Sobre este tema – o destino das pessoas depois da morte – as religiões afro-brasileiras deixam um grande vazio, que na maioria das vezes, é preenchido pela doutrina judaico-cristã.

⁹ Este texto nada tem de conclusivo; como o próprio título denuncia, não passa de um esboço.